

**Moçambique: do passado ao presente****3 — Inimigos de ontem, inimigos de hoje**

A questão da agitação como um mal que o inimigo sempre utilizou para minar o avanço da luta do povo moçambicano pela sua independência, no seio da Frente de Libertação de Moçambique e fora dela, constituiu um dos principais pontos da conversa entre o Presidente Joaquim Chissano e as crianças da organização "Continuadores", havida recentemente na capital do país e a que nos referimos nas nossas últimas edições. Sob o título "Inimigos de ontem, inimigos de hoje", eis alguns extratos das palavras do Chefe do Estado sobre o assunto, que buscando exemplos concretos mostra a gravidade desta acção inimiga ontem e hoje.

"Há-de haver aqueles que vão dizer: «aquilo que o Presidente esteve aqui a dizer é só para fazer propaganda». Vão vos mobilizar. Vão vos agitar. Mas temos que explicar essas coisas, porque sabemos que as nossas crianças já não sabem donde viemos. Alguns adultos que sabem esquecem-se donde é que viemos, qual é a razão do nosso sofrimento. Quando querem saber a razão, geralmente pensam no ano passado ou no ano antepassado e mais nada. Se eu perguntar aqui qual é a razão do nosso sofrimento, muitos dirão que é o PRE. Até da guerra já se esqueceram! Se for a perguntar quem é que iniciou esta guerra, vão dizer é a Frelimo e a Renamo. Os dois são culpados. Já se esqueceram!

Os mesmos que agitavam para matar Mondlane, são os mesmos que agitaram para que houvesse a guerra depois de conquistarmos a independência porque não queriam que nós fôssemos independentes. É o mesmo Jorge Jardim, que já morreu, mas foi ele que agitou para a morte de Mondlane. Era um português. Mesmo o Orlando Cristina, que também já morreu, era português. Gomes dos Santos ainda está vivo em qualquer lugar em Portugal. Ele é que organizou a tomada da Rádio Moçambique quando nós estávamos a assinar o acordo para a nossa independência, para a transferência de poderes para o povo moçambicano, através da FRELIMO que era seu representante. São os mesmos agitadores. Mas alguns já esqueceram.

No dia em que estávamos a assinar o acordo, aqui em Lourenço Marques (chamava-se Lourenço Marques naquele tempo), os portugueses estavam a impedir a independência: tomaram a Rádio Moçambique e começaram a cantar canções portuguesas; andaram com a bandeira portuguesa, içaram a bandeira contra a bandeira da FRELIMO. Enquanto o povo levantava a bandeira da FRELIMO eles levantavam a bandeira portuguesa. E alguns chamavam-se FICO. Era o nome do partido deles.

Os portugueses, nessa altura, começaram a criar grupinhos. Esta foi uma acção psico-social. Os serviços do exército português é que criavam grupinhos. Kavandame, que trabalhava para eles criou o seu partido; Basílio Banda, que trabalhava para eles criou o seu partido. Nessa altura criou-se um outro partido que se chamava de Convergência..., chamava-se Partido de Convergência Democrática. Esse partido era dirigido por um senhor português chamado Carvalho. Tinha bom relacionamento com oficiais grandes do exército português, aqueles oficiais que não queriam a independência de Moçambique.

Esse senhor Carvalho iria financiar as actividades de um outro grupo criado na altura chamado PCN. Partido de Coligação Nacional. O dinheiro vinha da África do Sul para onde tinham fugido muitos portugueses; vinha também da Rodésia. Mais tarde criaram-se partidos que aliás já existiam... tinham sido criados grupos lá em Nairobi, grupos para fazer essa agitação em que o Gwendjere, Simango e outros estavam metidos. Um desses grupos chama-se FUMO.

**FRELIMO É UMA ESCOLHA DO POVO**

Todos eles eram dirigidos pelos serviços secretos portugueses, a PIDE, e pelos serviços psico-sociais do exército português. Havia o FUMO, em Nairobi, em 1967 contra a FRELIMO, contra aqueles que

lutavam pela libertação de Moçambique. Mais tarde houve os tais Convergência, o PNC, GUMO e outros. Nesse tempo a FRELIMO não tinha soldados em Maputo, nem na província, nem na cidade. Tinha os seus soldados, mas estavam presos. Seis guerrilheiros que tinham vindo aqui e foram presos.

Quando nós assinámos o Acordo já tínhamos aqui movimentos grandes. Todos os residentes destes bairros marchavam para a Baixa. Por isso é que aquela estrada chama-se Acordos de Lusaka. Ali houve luta durante os Acordos de Lusaka e não eram os guerrilheiros da FRELIMO que estavam a dirigir. O povo apoiava a FRELIMO, espontaneamente.

Não foi ninguém mandado de Dar-Es-Salaam ou de Lusaka que veio cá dirigir. O povo estava cá, o povo era a FRELIMO. Levantou-se e disse que "queremos a transferência de poderes para a FRELIMO, agora!" Enquanto nós estávamos a negociar o período de transição. E ficou acordado que a transição seria em nove meses. E marcámos a data da independência. Mas todos esses diziam: "não, não se pode transferir os poderes para a FRELIMO". Mas o povo dizia: "sim". E transferiram os poderes para a FRELIMO.

É assim que a FRELIMO representava o povo, não porque disse que representava o povo. O povo é que disse que queria que a FRELIMO o representasse e que os poderes fossem transferidos para a FRELIMO. Isso foi feito de uma maneira prática aqui em Maputo. Levantando-se com pedras contra as armas que disparavam contra o povo a 7, 8, e 9 de Setembro de 1974 em que morreram cerca de 400 pessoas ou mais.

Foi a 7 de Setembro que se registaram esses acontecimentos para libertar a Rádio Moçambique que tinha sido ocupada por elementos portugueses e moçambicanos. Esses do GUMO, da Convergência, do PCN e outros que não queriam a independência.

Eles diziam que era preciso que houvesse eleições, que houvesse referendo para perguntar ao povo se queria a independência ou não. Estava claro que o povo queria independência.

São os mesmos que fugiram para a África do Sul e para a Rodésia e aí se organizaram: esses Simangos estavam a ganhar fundos para a compra de armas; estavam à procura de contactar países para lhes dar armas para lutarem contra a FRELIMO que já estava no poder.

Já durante o Governo de Transição nos primeiros meses. Fizem isso desde Agosto. Procuraram armas para fazer a guerra. Faziam viagens para a Rodésia, para a África do Sul, para Lourenço Marques, para a Beira, para Nampula a organizarem-se contra a transferência de poderes do Governo português para a FRELIMO. Quem os apoiava? Esses da FICO, angariavam fundos. Eram também os racistas da Rodésia e da África do Sul. Isso em 1974.

Quando ouvimos falar da guerra, muitos pensam que começou em 1980. Mas esta guerra que se chama da Renamo começou muito antes. É uma resistência contra a independência. Os grupos começaram a ser criados desde os tempos da fundação da FRELIMO em 1962. O inimigo começou a trabalhar e não era isoladamente. Eram todos esses: sul-africanos, rodésianos e portugueses contra a independência de Moçambique. Esta manobra continua.

Por isso nós dizemos: vamos lá pensar em Mondlane, vamos pensar na ideia de Mondlane, ideia de unidade. Unidade como nossa força para resistir a tudo isto. Vão aparecer partidos que vão dizer que querem o bem de Moçambique, mas há interesses estrangeiros por detrás desses partidos.

Há uma carreira aqui vinda de Portugal, que se chama de "refugiados". Estão a vir de lá. Estão a preparar os seus partidos lá em Portugal e vêm para cá em bicha. São os mesmos nomes: FUMO, Convergência. Alguns da nossa juventude aqui criam o PCN: os mesmos nomes daquela altura.

O dirigente desse partido que se chama FUMO esteve cá a pouco tempo e eu recebi-o. E começou a dizer que "esta FUMO é diferente daquela FUMO porque em 1987 houve uma outra FUMO, mas a minha FUMO é a FUMO de 1975".

## SE ESTAMOS ERRADOS

### VAMOS DAR LUGAR AOS QUE ESTÃO CERTOS

Bom, hão-de vir. Nós vamos recebê-los. O que queremos é que tragam boas ideias para construir o país. Isto que estou a relatar é para compreender a nossa História. Comecei a ver aí nos jornais a tendência de deturpar a História, de pintar as coisas com cores bonitas, e aparecerem eles como vanguarda da democracia, como se a FRELIMO não tivesse lutado este tempo todo pela democracia. Para a liberdade das pessoas estarem aqui a conversar.

Quando eu estava a vir para aqui ouvi a rádio, o "Onda Matinal". E o "Onda" de hoje era muito grande, muito longo... Não, era o Linha Directa. E as pessoas estavam a dizer o que queriam dizer, algumas coisas faziam rir, algumas metiam pena, outras eram correctas. Alguns partiam de bases correctas e faziam o seu raciocínio; outros partiam de bases erradas, completamente erradas, mas ouvíamos. Não há nenhum polícia que há-de ir atrás de alguém e dizer: "você disse isto ou disse aquilo". Não há! Portanto podem falar à vontade, podem discordar com aquilo que eu disse. Alguns talvez vão dizer amanhã no "Onda Matinal". Digam aqui, ninguém vai ser preso. E já me vieram dizer: "camarada Presidente isto é demais, camarada Presidente. Tem de tomar decisão..." mas eu respondo: "vamos falar, falar e esclarecer. Que tragam as vossas ideias. Se forem boas vamos aproveitar muito.

Se nós é que estamos errados, vamos dar lugar aos que estão certos".

Não cabe a nós decidir se estamos errados ou certos. Estamos a dizer: que acabe a guerra para irmos às eleições. É lá onde o povo vai dizer "sim, ouvimos todos, mas nós escolhemos aquele. Todos falaram, este cometeu erro assim ou doutra forma, mas também fez isto e aquilo que é bom. Por causa disso, que fez de bom, queremos-lo. O que fez de errado não torne mais. Ou então apontamos: este aqui fez isto e aquilo de errado, estamos fartos dele. O que ele fez de bom é pouco, sai, queremos outro."

Alguns, vamos experimentar e depois vamos chorar. Mas é preciso que haja liberdade para termos isso. E para termos liberdade é preciso que haja paz. Sem paz não podemos fazer escolas. E essa gente vai dizer é porque vocês não quiseram fazer eleições. Mas em 1975, 1974 estávamos com as armas da Rodésia apontadas para nós, as armas da África do Sul também e os portugueses implantados aqui em Moçambique e que não queriam a nossa independência.

Todos eles a fazer manobras para ficar com os privilégios que tinham. Seriam eleições entre moçambicanos?

Hoje vamos tentar, embora sabendo que esses interesses ainda continuam, vamos ter cuidado e vamos tentar aquilo que são os nossos interesses. As nossas dificuldades ser exploradas, o nosso sofrimento vai ser explorado. Agora já começaram a dizer que há guerra por causa da Frelimo e da Renamo. A FRELIMO existiu sempre em guerra, mas a Renamo não existia. E havia guerra contra a FRELIMO e não era a Renamo que estava a conduzir a guerra. Estão a pôr a FRELIMO e a Renamo na mesma balança, no mesmo equilíbrio. FRELIMO e Renamo, são assassinos os dois, são isto e aquilo.

Estamos a esquecer! Nós queremos salvar os nossos amigos que estão na Renamo. Aceitamos conversar com eles porque pensamos precisamente que a Rodésia já não é Rodésia, é Zimbábue. Como é que havíamos de dialogar com a Renamo que estava no seio das forças armadas rodésianas, as forças de Smith?

É por isso que muitos, desde 1976 até 1979 não sabiam que existiam moçambicanos que nos combatiam porque nós concentrávamos a nossa atenção no inimigo que era Ian Smith. Mas Smith utilizava estes moçambicanos que se chamam Renamo. Foi o baptismo que foi feito pelo Smith, foi o Governo dele que baptizou a eles de Renamo. Em inglês chama-se MNR — Mozambique National Resistance. Depois traduziram para Resistência Nacional de Moçambique. Resistência a quê? Naquele tempo já estavam a resistir a quê? Em 1974 porque fugiram para lá?

Em 1976 quando fechámos as fronteiras contra a Rodésia, eles atacaram-nos porque não deixávamos passar produtos da Beira para a Rodésia, de Lourenço Marques para a Rodésia. Não deixávamos.

As Nações Unidas queriam que fizéssemos assim e fizemos. Então eles atacaram-nos. Como nós apoiávamos o movimento de libertação da Rodésia atacaram-nos e começaram os massacres. A Renamo diz que antigamente não havia massacres, os massacres vieram agora que Chissano é Presidente.

Inhazónia, quem foi atacar? Quase 600 pessoas morreram, porque é que fomos às Nações Unidas? Não era para denunciar os massacres de 1977? As Nações Unidas não tomaram uma resolução? O Conselho de Segurança não apoiou a capacidade defensiva de Moçambique por causa dos massacres perpetrados por Smith, com a utilização de moçambicanos a quem baptizou de Renamo?

### QUE DEMOCRACIA ELES QUERIAM?

A África do Sul também utilizava. Em 1980 é que passou a utilizar abertamente. Os campos da Renamo passaram para a África do Sul e passaram para um comando directo dos sul-africanos e fizeram um plano maior de levar a luta para outras províncias.

Naquela altura concentravam-se muito em Manica e Sofala, um pouco em Gaza e Maputo, mas depois alastraram para outras províncias em 1980. Da Zambézia para o norte era sob a direcção dos sul-africanos. Como é que havíamos de ter diálogo com a Renamo, como é que podíamos dizer: "Multipartidarismo"? De quem? Dos sul-africanos racistas? Multipartidarismo em Moçambique enquanto na África do Sul os movimentos de libertação estavam banidos e com o regime de lá a combater contra nós? Multipartidarismo enquanto na Rodésia havia fascismo e os movimentos de lá estavam banidos? Que eleições livres havia de haver aqui? Que democracia é que eles queriam?

Agora, sim! Primeiro negociámos com os sul-africanos. O Acordo de Nkomati foi assinado, mas não foi suficiente. Continuamos a negociar com a campanha da comunidade internacional contra a desestabilização, as coisas mudaram na África do Sul e ainda estão a mudar. Mudaram na Rodésia. Dissemos: "nós vamos falar com os nossos aqui, para dizer, olha, vinha. Agora é o momento de a gente conversar com pouca interferência".

Mais ou menos agora estamos a falar com os moçambicanos mas ainda há muitas influências daqueles mesmos.

Se houver eleições aqui, não querem que a Frelimo ganhe porque querem os favores que fizeram à Renamo e que fizeram a esses outros que estão acumulados nesses outros países. Há alguns favores a pagar. Por isso é que há tendência de nos colocar na mesma balança e dizem que a causa dos nossos sofrimentos é a Frelimo.

Há salários baixos porquê? Porque é que a vida é cara? É preciso a gente saber que quando se fala aí parece que ali no Ministério das Finanças ou no Banco estão montanhas de dinheiro que podia ser distribuído. É mentira, é preciso saber isso. Qual é a dificuldade, quais são as nossas dificuldades, porquê o sofrimento?

Não produzimos chá neste país. Já não produzimos chá porque a Renamo fechou o caminho da linha de Nacala para tirarmos o chá que era produzido para o exterior, para venda. Fechou os caminhos para trazer o chá para a Beira. Já não há dinheiro para pagar os trabalhadores das plantações de chá, as fábricas tiveram que fechar. Não se produz. Donde é que há-de vir o dinheiro se não vendemos o chá para fora? O açúcar, a Fábrica de Marromeu foi queimada pela Renamo, a de Luabo foi queimada pela mesma Renamo, houve uma explosão na fábrica de açúcar de Xinavane provocada pela Renamo. Até foram queimar o hospital lá em Xinavane.

A fábrica de Búzi é atacada constantemente. Como é que a gente pode produzir? Como é que podemos ter dinheiro agora?

É preciso vermos bem a causa do nosso sofrimento. Foi provocado por aqueles que não querem a nossa independência.

O coco na Zambézia não pode ser apanhado porque a Renamo proíbe os movimentos, dificulta. Queremos produzir algodão, castanha de caju, tudo isso não podemos fazer.

A Renamo destrói tudo: serrações foram queimadas pela Renamo. Não podemos exportar madeira para o estrangeiro.

As nossas exportações baixaram. Há dois anos estávamos a exportar um valor de 80 milhões de dólares só. Para um país grande como o nosso, isso não é nada e a gente diz: "as coisas vão mal ou vão de mal a pior".

Não passa uma semana sem que eu receba no meu gabinete pessoas que vêm oferecer-se para investir, mas dizem-me sempre: "logo que houver paz, senhor Presidente, nós estaremos aí para investir".